



KnoWhy #696

Novembro 8, 2023



O que é o mistério da fé?

“Da mesma sorte, os diáconos sejam honestos, não de língua dobre, não dados a muito vinho, não cobiçosos de torpe ganância; Tendo o mistério da fé em uma consciência pura”.

1 Timóteo 3:8-9

O conhecimento

Quando Paulo escreveu suas epístolas a Timóteo e Tito, ele ofereceu muitas instruções sobre as qualificações daqueles que deveriam ser chamados para serem líderes locais e portadores do sacerdócio na Igreja. Quanto aos diáconos, Paulo instruiu Timóteo que, além de serem morais, deveriam guardar “o mistério da fé em uma consciência pura” (1 Timóteo 3:8-9).

Essa fé, ou pistis, era frequentemente usada para descrever uma relação de confiança e fidelidade entre Deus e a humanidade. Além disso, embora os leitores modernos possam ver o termo mistério e chegar à conclusão de que a própria fé é misteriosa ou indecifrável por natureza, não era assim no contexto antigo de Paulo nem para seus leitores antigos. A palavra grega *mystērion*, por exemplo, era melhor

entendida como um rito ou ensinamento secreto, que muitas vezes estava relacionado a costumes e cerimônias que não deveriam ser revelados ao público. Como tal, muitos usos de *mystērion* parecem se referir a ordenanças sagradas ou conselhos de Deus que não devem ser revelados àqueles que não são dignos de recebê-los.

Da mesma forma, em todo o mundo antigo, a relação comum de pistis poderia ser formalizada por ações rituais, e o mistério mencionado por Paulo parece ser entendido neste contexto. De fato, Brent J. Schmidt apontou que pistis também era entendida nos dias de Paulo como “um convênio, juramento ou penhor que criava confiança, na qual se confiava para obter segurança por meio da lei sagrada”. Juntamente com esse juramento do convênio, pistis também poderia

assumir a forma de “sinais dados aos fiéis que já confiavam em Deus”. Esses sinais foram dados para agir como evidência e levar o santo fiel a “um maior conhecimento e verdade” e poderiam persuadir ainda mais “indivíduos, grupos e sociedades helenísticos da certeza do que eles comumente experimentavam”.

Esses convênios e sinais finalmente encontraram seu lugar no templo. Isto é especialmente verdadeiro no caso da frase “mistério da fé” usada por Paulo, que Schmidt observou “significava promessas rituais, muitas vezes associadas antigamente à revelação nos templos” no século I. Além disso, “uma vez que *pistis* comumente significava ‘promessa’ ou ‘segurança’, é muito provável que *pistis* também significasse ‘convênio’ para os cristãos do primeiro século”. Como tal, os mistérios de Deus, incluindo o “mistério da fé”, são melhor entendidos como algo “revelado por meio de Jesus e dos escritos proféticos sobre seu sacrifício e ressurreição” que evoca a obediência típica de um convênio *pistis* e poderia ser formalizada por uma ação ritual ou ordenança.

Um dos mistérios para os primeiros cristãos era a primeira ordenança necessária para entrar na comunidade do convênio: o batismo. Schmidt observou que os primeiros cristãos “associavam os mistérios a rituais religiosos, como o batismo”, considerando que a fé e os convênios com Deus permitiam que os discípulos “compreendessem o ‘mistério’ de seu Evangelho”. *Pistis* também estava intimamente ligada às ordenanças cristãs, pois muitas vezes incluía promessas rituais que os iniciados eram obrigados a proferir, como uma fórmula batismal preservada nas Constituições Apostólicas que incluía a renúncia ao diabo e a promessa de ser fiel a Deus durante toda a vida. Os primeiros escritores cristãos também descreveram outras ordenanças em termos semelhantes.

Se Paulo tivesse em mente o batismo e sua promessa ritual, então “nesse contexto antigo, os diáconos estavam sendo exortados a se apegarem às promessas do convênio do batismo, que eram misteriosas apenas para o mundo exterior”. Independentemente de estar ou não se referindo a essa ordenança em particular, Paulo está claramente informando a Timóteo que todos os diáconos ordenados devem ser fiéis aos convênios que fizeram, mantendo-os com “uma consciência pura”. Tendo sido iniciados no *mystērion*,

ou ordenanças, do evangelho, eles tinham que honrar a natureza sagrada do que haviam experimentado.

Mandamentos semelhantes são encontrados em toda a Escritura para que nos apeguemos aos ensinamentos e ordenanças sagrados e não os revelemos aos não iniciados. Por exemplo, Jesus disse aos seus discípulos: “Não deis aos cães as coisas santas, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés, e voltando-se, vos despedacem” (Mateus 7:6). Estudiosos, incluindo John W. Welch, observaram que a coisa santa mencionada neste versículo, é provavelmente um conhecimento especial e sagrado, “algo que eles são obrigados a manter sagrado e confidencial — uma implicação consistente com outras conclusões interessantes de Jeremias sobre a existência de ensinamentos e práticas sagradas e secretas no cristianismo antigo”.

O Livro de Mórmon começa com a declaração de Néfi de que ele tinha “um grande conhecimento [...] dos mistérios de Deus”, que aparentemente foi a base sobre a qual Néfi fez seu registro das “coisas mais sagradas”, um registro que começou em conexão com a construção de um templo. O registro de Néfi culmina com a ordem de “falar a língua de anjos” (2 Néfi 32:2), que “pode representar romper o véu para entrar na presença do Senhor, tornar-se divino e, assim, unir-se ao conselho divino”. Como o mistério da fé, isso refletia claramente ordenanças ou conhecimentos sagrados que só deveriam ser compartilhados em espaços sagrados.

Em última análise, os juramentos, convênios e ordenanças de *pistis* trazem força e milagres para aqueles que fielmente os guardam e se apegam a eles. Como observa Schmidt, “o conhecimento e a fé na própria natureza divina, expressos por meio da ação, produziram milagres” para muitas pessoas do Novo Testamento, que Jesus identificou como curadas ou capazes de curar outras pelo poder de sua fé. Esses certamente incluía muitos que haviam realizado ordenanças e eram fiéis aos convênios que haviam feito com o Senhor.

O porquê

Como observa Schmidt, “as antigas sombras da fé (*pistis*) trazem bênçãos que levam à conversão, em contraste com o pecado que resulta em infelicidade”.

Essas nuances, incluindo juramentos, convênios e ordenanças, são igualmente essenciais hoje em nossa própria conversão ao evangelho.

Ao lermos o Novo Testamento, descobrimos que a fé está intimamente associada a ações destinadas a desenvolver “um relacionamento patrono-cliente com Deus, que é confirmado pela confiança, seguido por um milagre”. Acessar a todos os poderes desse relacionamento exige que ajamos, façamos convênios e sejamos fiéis a eles: “Uma vez estabelecido um relacionamento de fidelidade”, observa Schmidt, “basta agir e grandes experiências espirituais ocorrerão”.

À medida que mantemos nosso relacionamento com Deus, seremos levados a nos arrepender mais plenamente e tentar nos apegar aos mistérios da fé para que também possamos ser considerados dignos do relacionamento que estabelecemos. Esses mistérios começam a ser revelados a nós no batismo, quando entramos no caminho do convênio, e continuam à medida que progredimos nas ordenanças do templo e nos preparamos para entrar novamente na presença de Deus —verdadeiramente o maior milagre que um dia poderemos vivenciar.

Leitura complementar

Brent J. Schmidt, *Relational Faith: The Transformation and Restoration of Pistis as Knowledge, Trust, Confidence, and Covenantal Faithfulness* pp. (Provo, UT: BYU Studies, 2022), 67–85.

Neal Rappleye, “‘With the Tongue of Angels’: Angelic Speech as a Form of Deification”, *Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship* 21 (2016): pp. 303–323.



© Central do Livro de Mórmon, 2023

Notas de rodapé

1. A palavra grega diácono significa literalmente “servo”. Como tal, a designação usada por Paulo pode não descrever o mesmo ofício no sacerdócio chamado por esse nome atualmente. Independentemente de se tratar do mesmo ofício, devemos notar que alguns requisitos para a ordenação de diáconos nos tempos antigos incluíam o estado civil e a educação dos filhos (ver 1Timóteo 3:11-12). Essas qualificações não são necessárias para os diáconos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e podem ser uma

- necessidade oportuna para a geração de Paulo, em vez de um começo atemporal para todos.
2. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Como Paulo entendia a fé? (Romanos 9:30)”, KnoWhy 684 (25 de agosto de 2023).
3. Ver Frederick William Danker et al., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 4ª ed. (Chicago, IL: University of Chicago Press, 2021), 586, s.v. “μυστήριον”.
4. Para o uso da fidelidade, ou pistis, em um ritual de sacudir a mão direita, ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Como a fidelidade e a graça estão relacionadas à mão direita? (Gálatas 2:9)”, KnoWhy 690 (29 de setembro de 2023).
5. Brent J. Schmidt, *Relational Faith: The Transformation and Restoration of Pistis as Knowledge, Trust, Confidence, and Covenantal Faithfulness* (Provo, UT: BYU Studies, 2022), pp. 68, 73–74.
6. Schmidt, *Relational Faith*, pp. 80–81.
7. Ver Schmidt, *Relational Faith*, pp. 69–71, 81.
8. Schmidt, *Relational Faith*, p. 82.
9. John W. Welch, *Illuminating the Sermon at the Temple and Sermon on the Mount* (Provo, UT: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, 1999), p. 111. Como Welch mostra ao longo de seu livro, o Sermão da Montanha coletado em Mateus 5-7 está mergulhado na antiga tradição do templo.
10. Néfi 1:1; 19:5; 2 Néfi 5; Neal Rappleye, “‘With the Tongue of Angels’: Angelic Speech as a Form of Deification”, *Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship* 21 (2016): pp. 305–308.
11. Rappleye, “‘With the Tongue of Angels’”, p. 305. Ver também o artigo da Central do Livro de Mórmon, “O que significa falar a língua dos anjos? (2 Néfi 32:2)”, KnoWhy 60, (15 de março de 2017). Alguns dos primeiros cristãos, incluindo Clemente de Alexandria, associaram falar ou cantar com anjos aos mistérios e ordenanças do Evangelho preparatórios para ver a face de Deus. Ver Clemente of Alexandria, *Exhortations to the Heathen*, chapter 12.
12. Schmidt, *Relational Faith*, p. 83. Ver, por exemplo, Mateus 9:20–22; 15:22, 28; 17:18–20.
13. Schmidt, *Relational Faith*, p. 85.
14. Schmidt, *Relational Faith*, p. 83.